

# ***Ideias para adiar o fim do mundo: a Música num projeto interdisciplinar em contexto de ensino remoto durante a pandemia de COVID 19***

## **Comunicação**

*Glauber Resende Domingues*  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*  
[glauber.rd@gmail.com](mailto:glauber.rd@gmail.com)

**Resumo:** Este artigo apresenta um relato de experiência de ensino de Música num contexto interartes de ensino remoto no Ensino Médio no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O objetivo do trabalho foi o de promover atividades de vínculo e conhecimento com os estudantes numa proposta interdisciplinar entre Música, Literatura, Artes Cênicas e Artes Visuais. A metodologia consistiu no oferecimento de encontros virtuais síncronos com o (e a partir do) livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, do escritor indígena Ailton Krenak com fazeres artísticos integrados entre as artes. Para a análise foram usadas as gravações, bem como o planejamento e das anotações de pessoais e coletivas d\_s professor\_s envolvid\_s. Os principais resultados apontam que a interação entre as áreas do conhecimento envolvidas foi proveitosa para \_s docentes, produzindo conhecimentos oriundos das diferentes interface s entre as linguagens artísticas. Para os estudantes foi uma oportunidade de um exercício de construção poética de expressão musical cotejando outras áreas do conhecimento artístico. Por fim, foi possível perceber que \_s estudantes puderam experimentar fazeres artísticos outros oriundos da fricção entre as linguagens envolvidas.

**Palavras-chave:** Pedagogia de projetos; Educação Musical e meio ambiente; Ailton Krenak.

### ***Ideias: o princípio de todo o processo***

Um vírus. Do outro lado do mundo. Um alastro mundo a fora.

Este é o cenário do enredo que desde dezembro de 2019 o mundo acompanha, mas ao mesmo tempo faz parte dele, seja protegendo-se para evitar a contaminação, seja, infelizmente, ficando doente.

Este cenário trágico tem marcado o ano de 2020, que está sendo marcado por uma pandemia que tem assustado-nos, suspenso a circulação das pessoas e mudado a realidade de muita gente, tanto no aspecto social, quanto no econômico, quanto no educacional. Lembrando que muitas das vezes, nas três dimensões ao mesmo tempo.

Iniciamos o ano letivo de 2020. Apenas alguns dias de aula presencial e no dia 13 de março tivemos as aulas presenciais suspensas em toda a Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde a Educação Básica até o Ensino Superior por conta do isolamento social imposto pelo alto índice de propagação e contaminação do vírus e da falta de amplo conhecimento naquele momento sobre as ações dele no corpo humano e suas consequências.

Considerando tais aspectos e a realidade imposta a todos, o Colégio de Aplicação da UFRJ optou por, logo no início de abril, criar um espaço virtual no qual os estudantes pudessem fazer ao menos a manutenção do vínculo com a escola e entre eles mesmos. As coordenações dos setores curriculares foram convidadas para uma reunião para desenhar os passos da ação. Assim, optou-se naquele momento pela criação de um site para que os professores dispusessem atividades de manutenção de vínculo, mas que envolvesse também construção de conhecimento e fortemente um trabalho *interdisciplinar* e que os estudantes pudessem fazer de forma *assíncrona* que é um tipo de interação na rede que “ocorre de modo diferido, não exigindo, por isso mesmo, a disponibilidade ou a presença simultânea dos interlocutores” (MARTINS; JUSTINO; GABRIEL, 2010, p. 3).

Neste contexto foi necessário que todos inventassem um jeito de continuar seus trabalhos, mas de forma interdisciplinar por uma série de razões: não havia espaço no site para que cada um pudesse fazer sua postagem, poderia ser criada uma sobrecarga de trabalho muito grande além do previsto (ainda mais com a apreensão e a ansiedade gerada por conta da pandemia), exercício para que as crianças saibam que não havia apenas um professor delas naquela atividade.

Para coordenar as ações do site foi criada uma comissão interna formada por docentes e técnicos com o intuito de cuidar das entradas de atividades, bem como perceber se as mesmas se adequavam às especificações propostas pelo grupo supracitado por conta das políticas de uso do site. Dentro da comissão foram criadas também variadas subcomissões para cuidar desde o recebimento dos e-mails de todas as frentes (corpo docente, famílias e estudantes) a divulgação das propostas nas redes sociais, por exemplo.

Naquele momento ficou estabelecido que o site era o chamado ‘chão da escola’, que é, como sinaliza Melo (2009), um ponto de encontro onde se dá a ação educativa e onde os

sujeit\_s controem “a sua identidade e seu pertencimento à comunidade escolar” (p. 395). No momento de isolamento social, este ‘chão’ precisou passar por uma adaptação.

Considerando o contexto, a sala da aula de música não era mais aquela sala física, onde os instrumentos estavam sempre à disposição, onde \_s alun\_s poderiam experimentá-los, as formas de executá-los, tocar junto e produzir música. O momento passou a exigir adaptação e reinvenção. Assim a aula de música passou a ocupar outros sentidos e outros espaços no ‘chão da escola’ que passou a ser ‘no ar’, na virtualidade.

Em junho um novo momento da ação foi iniciado e o Colégio de Aplicação resolveu adotar uma interação com \_s estudantes de forma síncrona, que promove que “os participantes se encontrem num mesmo espaço (físico ou online) e num momento específico de modo a poderem comunicar entre si ou trocar informações” (MARTINS; JUSTINO; GABRIEL, 2010, p. 3). É imprescindível que nas atividades síncronas propostas a partir deste momento houve apenas interação online.

Neste contexto nasce, a partir da interação de professores de Música, Artes Cênicas, Artes Visuais e Literatura entre si e com o livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak, a ideia de planejar uma proposta interdisciplinar que levasse em conta os saberes de nossas áreas de formação inicial e nossa vontade de estarmos junt\_s numa atividade docente e performática com \_s estudantes.

Neste sentido, este texto apresentará o relato das atividades de vínculo e conhecimento com os estudantes numa proposta interdisciplinar entre Música, Literatura, Artes Cênicas e Artes Visuais. Na segunda parte apresentarei um pouco do processo de aproximação entre \_s professor\_s e o embasamento dos diferentes interlocutores teóricos que embasaram as atividades, trazendo foco às questões que dizem respeito ao ensino da Música. Na terceira parte serão apresentados os mecanismos metodológicos de registro da atividade bem como uma análise do processo. Por fim apresentarei o que percebi que tanto alun\_s quanto professor\_s aprenderam.

## ***Para adiar as impossibilidades de pensar interdisciplinarmente***

Como já mencionado na parte inicial, a proposta de trabalhar com a pedagogia de projetos foi desde o início o mote eleito pela escola para desenvolver suas ações desde a criação do site. Considerando que Hernández (1998, p. 49) postula que o trabalho por projeto “não deve ser visto como uma opção puramente metodológica, mas como uma maneira de repensar a função da escola”, creio que a proposta adotada pela escola está em sintonia. Isto porque a ideia do trabalho com projetos interdisciplinares surgiu da necessidade de pensar uma outra escola, um outro ensino de Música no contexto da pandemia de Covid 19. Isto porque neste momento a escola entendeu que sua função era promover o vínculo dos estudantes entre si e com a própria escola.

A música num contexto de projetos interdisciplinares assume um lugar ‘menos disciplinar’ não no sentido de ela deixar de ser disciplina, que fique bem explícito. Mas considerando o contexto de construção de um projeto entre disciplinas diferentes a música assume um papel no qual o professor precisa se por em relação com seus colegas de outras áreas para que as demais também possam ser contempladas. Neste sentido, a música tem

o papel de possibilitar caminhos para que a relação entre homem e a música se efetive de forma significativa, contextualizada com os objetivos de cada indivíduo e com sua realidade sociocultural (QUEIROZ, 2004, p. 106)

Considerando que o momento e o contexto (de pandemia, de perda dos territórios indígenas etc.) de dar à música um outro contorno por conta das realidades socioculturais, optamos por, no processo de feitura do projeto, trazer uma proposta que se embasasse na literatura indígena, trazendo como obra base para o projeto o a obra *Ideias para adiar o fim do mundo* do escritor Ailton Krenak (2019). Na cosmovisão indígena apresentada pelo autor a ideia de música está presente nas celebrações, já que para ele é necessário celebrar “o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar”.

Pensando nas ideias supracitadas, pode ser possível afirmar que há uma proximidade entre a concepção presente na relação entre Educação Musical e meio ambiente. Fonterrada (2004) comenta que uma exposição exacerbada a estímulos ruidosos da nossa sociedade contemporânea tem consequências graves no que diz respeito aos nossos

aspectos físicos. Neste sentido, a autora convoca-nos a pensar uma outra relação entre música e natureza, convidando-nos a pensar sobre outra forma de ouvirmos os sons ao nosso redor. Geralmente os sons da natureza tendem a se tornar muito rarefeitos frente aos sons de nossa sociedade industrial. Com isso perdemos a acurácia de perceber determinados sons e de promover uma relação perceptiva e estética com os mesmos.

Pensando a partir da articulação entre Educação Musical e Educação ambiental, França (2011) sinaliza que ela pode ser pensada em três eixos: o *pragmático*, o da *paisagem sonora* e o *ético-estético*. O primeiro, “mais direto e imediato, envolve temas como acústica, tecnologia, repertório e construção de instrumentos, que acolhem projetos interdisciplinares entre meio ambiente, ciências, geografia, história e música” (p. 33). O segundo, a partir do termo cunhado por Raymond Schafer, traduz “o conjunto de sons de um determinado ambiente, natural ou artificial, do passado, do presente ou do futuro; da cidade ou do campo” (p. 38). Por fim, o último é capaz de forjar “interpretações pessoais, subjetivas e poéticas de impressões sobre fenômenos naturais traduzidas em padrões sonoros” (p. 39), ou seja, é um eixo que procura apresentar uma ética que leva o ser humano a pensar sobre sua relação sonora com a natureza e a como pensá-la esteticamente. É mais próximos a esta orientação que buscamos desenvolver o projeto.

Porém, as acepções supracitadas ainda operam muito na lógica do *meio ambiente*, expressão que não aparece na plataforma conceitual de Krenak (2019). O autor não cita as palavras ‘meio’ e ‘ambiente’ no contexto da composição citada acima. Ele trabalha o tempo inteiro com a categoria *natureza*: “onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2019, p. 16-17). Creio que durante o processo de desenvolvimento da atividade e como a mesma foi se configurando teórica e epistemologicamente esta notação de *natureza* esteve consistentemente mais presente do que aquela de *meio ambiente*, na qual “continua a se considerar apenas o suporte físico e os objetos, ou traços. que o identificam. Ao homem é reservado o papel de mero espectador: o que percebe compreende sente” (HOLZER, 1997, p. 81). Dito de outro modo a partir da crítica krenakiana: homem é uma coisa e natureza é outra.

## O fim do processo e suas marcas

As atividades com os encontros síncronos com \_s estudantes foram iniciadas no dia 13 de julho de 2020, fruto da segunda fase do trabalho com os estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Neste mesmo dia tivemos nosso primeiro encontro com \_s estudantes do Ensino Médio, grupo para o qual foi proposta a proposta interdisciplinar. Os encontros aconteceram no aplicativo *Zoom*, sempre às segundas-feiras com cinquenta (50) minutos de encontro com a presença de oito (8) professores (dois de Artes Visuais, dois de Artes Cênicas, um de Literatura e um de Música) mais um grupo de dezesseis (16) alunos dos diferentes anos do Ensino Médio. Então, neste sentido, é preciso salientar que além de interdisciplinar, o projeto também foi *multisseriado*, contando com a participação d\_s estudantes dos três anos deste nível da Educação Básica.

Todos os encontros síncronos com \_s estudantes foram gravados para posterior análise dos materiais mas também para registro das expressões poéticas d\_s estudantes, fossem elas mais musicais, encenadas, textuais ou visuais. Assim sendo, o material de análise das atividades constaram destas gravações bem como dos planejamentos destas atividades, das quais participei ativamente, bem como das minhas anotações que aconteceram durante as aulas.

No processo de planejamento foi possível perceber uma preocupação entre os professores no sentido de apresentar para \_s estudantes na primeira atividade e ao decorrer dela um protocolo de uso da rede: uso de microfone, câmera, inscrição para fala e para compartilhamento de expressões poéticas, bem como o uso de fones de ouvido para tal. No decorrer do planejamento, cada encontro foi pautado por uma temática que atravessa a obra de Krenak (2019): humanidade, natureza, experiência, narrativa, tempo, dentre outros. Cada um dos temas, a cada encontro, era atravessado por trechos do livro seguidos de pausas poéticas nas quais \_s estudantes podiam expressar suas impressões sobre a leitura e sobre o que ela os evocava: que visualidades, que sonoridades, que lógica de corpo.

A partir dos encontros finais, quando a leitura foi encerrada, centramo-nos em, a partir de dispositivos variados, criar condições para que \_s estudantes pudessem produzir diversas formas de expressão, considerando os saberes de cada professor da atividade, bem

como aqueles oriundos de dispositivos que combinavam diferentes formas artísticas. Dos dispositivos mais conhecidos da área de música, cito a apreciação musical, experienciada com s estudantes num registro mais aberto de apreciação, que trilhou “o caminho da transversalidade que perpassa diversas linguagens, (...) possibilitando que elementos diversos encontrem ressonância em seu sentido” (RENNER, 2009, p. 94). Neste sentido, ouvimos no início das aulas músicas como “Drão” (Gilberto Gil) e “Fala” (Secos e Molhados).

Nos dois últimos encontros, que aconteceram nos dias 24 e 31 de agosto de 2020, centramo-nos em criar condições para que s estudantes pudessem apresentar suas variadas formas de expressão a partir das ideias presentes no livro, como as ideias de natureza, de humanidade, de tempo. Aproveitando esta última ideia presente no livro, gostaria de salientar o produto de expressão poética de um estudante do 3º ano do Ensino Médio. Ele toca piano e, antes da aula gravou assincronamente uma peça no piano desconhecida de tods da turma. Ao término da exibição da gravação feita pelo estudante, ele resolveu falar sobre a escolha da música e de algumas questões que envolviam o processo criativo da mesma.

O estudante sinalizou o caráter circular da música, que segundo Andrada & Souza (2015, p. 360), está muito próximo de um passo de dança que consiste em “um canto entoado por todos que motivam o movimento e a sequência de passos em uma combinação de posturas, repetições de movimentos articulados com saltos, gestos e giros”, criando uma sensação de volta sempre ao mesmo lugar. Ao final da canção o estudante também pontuou algo interessante de se pontuar, que é a relação com o tempo. Eu, ao ouvir o a música inteira, percebi que o final não possuía uma cadência resolutiva. Em sua acepção, o final da música executada possuía alguma relação com a cosmologia indígena krenakiana pelo fato de que o tempo e a natureza naquela cosmologia não possui fim, possui apenas aberturas para tempos outros, rompendo com a lógica desse tempo cronológico, que “é especialista em criar ausências” (KRENAK, 2019, p. 26).

### ***Do mundo que se abre***

Por fim, já que o tempo e o espaço nos impelem a tal, apesar do esforço krenakiano e romper com esta lógica e nos aproximar do tempo da cadência dada pela natureza, gostaria

de sinalizar que ao final do processo foi possível perceber que um mundo se abriu para os estudantes quando eles perceberam a potência da possibilidade de interação entre as artes num contexto remoto, pautados por uma cosmologia indígena.

Neste sentido, é preciso salientar a importância do contato com a leitura do texto de Krenak (2019) para a criação de um alargamento conceitual e empírico dos povos indígenas, conversando sobre a relação entre arte e natureza presente nestes povos e em como o fazer musical está relacionado a outras expressões e como há um foco especial numa ideia de rompimento do tempo e com foco na experiência com a natureza.

Nesta mesma linha ou próximo a ela, é importante ressaltar o saber artístico de fronteira entre as artes e de fronteira com a interface da tela do celular ou do computador. Que saberes musicais – e artísticos, de forma geral – são *possíveis* de serem experimentados nesta interface? Esta indagação ainda nos inquieta, haja vista o fato de que muito das possibilidades de saberes musicais não foram possíveis de serem plenamente explorados.

Finalizando mesmo, é preciso assinalar que a pandemia de COVID 19 promoveu uma profunda reflexão entre *\_s* professor\_s e *\_s* estudantes sobre o ensino da Arte no pós-pandemia. Nos ensinou que o fortalecimento das fronteiras entre os saberes artísticos é uma invenção humana, já que, assim como para os povos indígenas “cantar, dançar [é] a experiência mágica de suspender o céu” (KRENAK, 2019, p. 32) de maneira interligada. Que nas nossas aulas de Música agora durante a pandemia e no pós-pandemia possamos perceber formas de compreendermos o fenômeno artístico em sua *especificidade*, mas também articulado às dimensões da *complexidade*, considerando, por exemplo, os aspectos visuais e cênicos do fazer musical.

Por fim, foi possível perceber que *\_s* estudantes puderam experimentar fazeres artísticos outros oriundos da fricção entre as linguagens envolvidas. Ah, e por último, mas não menos importante: a escola está entrando para a terceira fase do trabalho com os estudantes, na qual as atividades se tornam obrigatórias para tod\_ s. O projeto interdisciplinar com Música, Literatura, Artes Cênicas e Artes Visuais continua. Persistimos para que possamos continuar sobreviver à pandemia de Covid 19, ao isolamento social e construindo ideias para, um dia após o outro, adiar o fim do mundo.

## Referências

ANDRADA, Paula Costa de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Corpo e docência: a dança circular como promotora do desenvolvimento da consciência. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v.19, n.2, Maringá, 2015, p. 359-368

FONTEERRADA, Maria Trench de Oliveira. *Música e meio ambiente: ecologia sonora*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2004.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Ecos: educação musical e meio ambiente. *Música na Educação Básica*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, 2011, p. 29-41.

HERNÁNDEZ, F. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. *Território*, ano II, nº 3, jul./dez. 1997

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

MARTINS, Ana Bela de Jesus; JUSTINO, Ana Cristina Fernandes Cortês; GABRIEL Graça da Conceição Filipe. SBIDM: comunicação síncrona, assíncrona e multidireccional. CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS., 2010, Guimarães, PT. *Anais*: APBAD, Lisboa. p. 1-11.

MELO, Maria Teresa Leitão de. O chão da escola: construção e afirmação da identidade. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 3, n. 5, p. 391-397, jul./dez. 2009

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 10, 99-107, mar. 2004.

RENNER, Katia. Apreciação musical: onde está o significado da música? BEYER, Esther; KEBACH, Patrícia. *Pedagogia da música: experiências de apreciação musical*. Porto Alegre: Mediação, 2009.